

Pearson ($p < 0.05$). **Results:** Functional domains showed relatively high mean scores: physical (62.6), role (73.3), emotional (69.0), cognitive (74.6), and social functioning (76.6). Most prevalent symptoms were pain (38.6), fatigue (32.7), and financial difficulties (32.0). The average PHQ-9 score was 7.72 ($SD = 5.87$), suggesting mild depressive symptoms. The Karnofsky Index averaged 81.79 ($SD = 7.58$). Presence of meaning in life was high ($M = 27.0$; $SD = 6.66$), and search for meaning was moderate ($M = 22.48$; $SD = 9.80$). Higher PHQ-9 scores were significantly associated with insomnia ($\rho = 0.558$), fatigue ($\rho = 0.433$), dyspnea ($\rho = 0.433$), pain ($\rho = 0.393$), nausea ($\rho = 0.362$), and diarrhea ($\rho = 0.355$), as well as lower scores in cognitive ($\rho = -0.586$), emotional ($\rho = -0.481$), role ($\rho = -0.421$), physical ($\rho = -0.428$), and social functioning ($\rho = -0.391$), global QoL ($\rho = -0.422$), and presence of meaning ($\rho = -0.448$). Significant interrelations were found among domains: physical functioning correlated with role ($r = 0.506$), emotional ($r = 0.412$), cognitive ($r = 0.385$) functioning and QoL ($r = 0.432$); emotional functioning with social ($r = 0.556$), cognitive ($r = 0.296$), and presence of meaning ($r = 0.493$); presence of meaning with cognitive ($r = 0.388$), social functioning ($r = 0.416$), and QoL ($r = 0.293$). Fatigue and pain showed negative correlations with multiple domains: fatigue with physical ($r = -0.506$), role ($r = -0.501$), and cognitive ($r = -0.519$); pain with physical ($r = -0.466$), role ($r = -0.554$), and cognitive functioning ($r = -0.562$). The presence of meaning in life was positively associated with better psychosocial functioning, reinforcing its protective and integrative role in overall health. **Discussion and conclusion:** These findings highlight the negative impact of fatigue and pain on functioning, the relevance of depressive symptoms as cross-cutting markers of worse outcomes, and the protective role of existential meaning. They support the need for multidimensional care approaches for MM patients, addressing not only clinical symptoms but also psychological and existential dimensions of illness.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105360>

ID - 2212

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA LÚDICA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL EM PACIENTES HEMOFÍLICOS: EXPERIÊNCIA EM UM HEMOCENTRO DO NORDESTE DO BRASIL (2024)

WS Teles ^a, RS Souza ^b, AP Barreto Prata Silva ^a, FK Fraga Oliveira ^a, CM Santos de Freitas ^b, ML Da Silva ^b

^a Centro de Hemoterapia de Sergipe (HEMOSE), Aracaju, SE, Brasil

^b Centro Universitário Pio Décimo (UniPio), Aracaju, SE, Brasil

Introdução: A hemofilia, distúrbio hereditário da coagulação, impõe ao paciente desafios clínicos e psicossociais que transcendem o manejo médico. O medo de sangramentos, a hospitalização recorrente e as restrições físicas impactam a autoestima, a adesão ao tratamento e a qualidade de vida.

Nesse contexto, a Psicologia no âmbito hemoterápico atua não apenas no acolhimento emocional, mas também na criação de espaços terapêuticos capazes de promover autonomia, resiliência e engajamento. As atividades lúdicas configuram um recurso estratégico, potencializando a expressão emocional, o enfrentamento adaptativo e a integração social. **Objetivos:** Avaliar o impacto de uma intervenção psicológica lúdica no bem-estar emocional, no engajamento social e na percepção de autocuidado de pacientes hemofílicos atendidos em um Hemocentro do Nordeste do Brasil. **Material e métodos:** Estudo de caráter qualitativo-descritivo, realizado no primeiro semestre de 2024, com 20 pacientes diagnosticados com hemofilia A ou B, em acompanhamento regular no Hemocentro. A intervenção consistiu em uma oficina lúdico-terapêutica estruturada em três eixos: (1) jogos cooperativos adaptados à limitação física individual; (2) dinâmicas expressivas com uso de artes visuais para representação simbólica da hemofilia e do autocuidado; e (3) roda de conversa mediada pela equipe de psicologia para construção coletiva de estratégias de enfrentamento. As sessões tiveram duração de 90 minutos e ocorreram em ambiente seguro e adaptado. A avaliação qualitativa foi feita por meio de observação participante, registro de falas e aplicação de escala de humor pré e pós-atividade. Observou-se aumento imediato nos indicadores de humor positivo em 85% dos participantes. O engajamento durante as dinâmicas foi classificado como alto em 90% dos casos, com relatos espontâneos de maior sensação de pertencimento e diminuição da ansiedade relacionada ao tratamento. Pacientes relataram que a atividade favoreceu novas perspectivas sobre a hemofilia, com fortalecimento da rede de apoio entre pares. Além disso, identificou-se que a abordagem lúdica facilitou a adesão ao diálogo sobre práticas seguras, prevenindo riscos de sangramento. **Discussão e conclusão:** Os achados corroboram evidências recentes (2023–2024) que apontam a ludicidade como mediadora eficaz no manejo de condições crônicas, por estimular vínculos terapêuticos, reduzir barreiras comunicacionais e favorecer a internalização de condutas de autocuidado. Em hemofilia, esse formato de intervenção rompe o modelo exclusivamente biomédico, integrando dimensões emocionais e sociais ao tratamento. Essa prática, aplicada em ambiente hemoterápico, revela-se custo-efetiva e replicável em diferentes realidades do Sistema Único de Saúde (SUS). A intervenção psicológica com uso de atividade lúdica demonstrou-se uma estratégia efetiva para promover bem-estar emocional, coesão social e adesão ao tratamento em pacientes hemofílicos. Recomenda-se sua incorporação regular na rotina assistencial de hemocentros, aliada ao acompanhamento longitudinal para mensuração de benefícios sustentados.

Referências:

Fornari CC, et al. Impact of Haemophilia on Patients and Caregivers: The Brazilian Perspective. *Haemophilia*. 2024;30(3):e168-e177.

Schneider MM, et al. Clinical-Epidemiological Profile, Disease Burden and Patient Journey of People with Haemophilia in Brazil: A Scoping Review. *Orphanet Journal of Rare Diseases*. 2024;19(1):145.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105361>